

## Apresentação

A ideia de que não há filósofos e cientistas portugueses de excelente categoria é falsa. O nosso país tem de facto pessoas competentes que contribuem decisivamente para o desenvolvimento da ciência e da filosofia. É o caso de Desidério Murcho, filósofo português que desenvolve o seu trabalho por terras de Sua Majestade. Desidério nasceu em 1965. É licenciado e mestre em Filosofia pela Universidade de Lisboa e membro fundador do Centro para o Ensino da Filosofia da Sociedade Portuguesa de Filosofia. Dirige a colecção Filosofia Aberta, na Gradiva, e traduziu vários livros de filosofia. Organizou com João Branquinho (outro filósofo português de renome) a Enciclopédia de Termos Lógico-Filosóficos (Gradiva, 2001, Martins Fontes, no prelo), é co-autor de A Arte de Pensar (10.º e 11.º anos) (Didáctica Editora, 2003 e 2004) e autor de Essencialismo Naturalizado (Angelus Novus, 2002), A Natureza da Filosofia e o seu Ensino (Plátano, 2002), O Lugar da Lógica na Filosofia (Plátano, 2003) e Pensar Outra Vez: Filosofia, Valor e Verdade (Quasi, no prelo). É director executivo da revista Disputatio. É colunista do suplemento "Mil Folhas" do jornal Público. É formador de professores de filosofia do ensino secundário e prepara o seu doutoramento em Filosofia no King's College London, onde é bolseiro da FCT e tutor em Lógica Filosófica, Ética e Filosofia da Religião. Além disso é director da Crítica, Revista (online) de Filosofia e Ensino.

## Entrevista

Cinefilosofia: Desidério, pensa que é possível encontrar boa filosofia em filmes? Se sim, dê-nos por favor alguns exemplos da sua preferência.

Desidério Murcho: Penso que não há boa filosofia no cinema; mas há por vezes ideias ou problemas filosóficos que estão de algum modo presentes no cinema. Por isso, o cinema pode ser usado como uma forma de apresentar a filosofia ao grande público, assim como nas escolas secundárias. No estrangeiro há vários livros que usam o cinema para apresentar a filosofia ao grande público, um pouco como o Cinefilosofia está agora a tentar fazer em Portugal, numa iniciativa ímpar. Recentemente, duas cenas de dois filmes foram para mim iluminantes. A primeira é do filme Matrix, e exploro-a num capítulo do meu livro Pensar Outra Vez: o traidor quer voltar para o mundo de fantasia da Matrix, mas pede a agente Smith para não se lembrar de nada. Ele quer ficar sem saber que vive num mundo de ilusão. A importância filosófica desta ideia é explorada

no meu livro. Outra cena acontece no excelente *Castaway*, com Tom Hanks, e dá-nos um insight extraordinário sobre o papel desempenhado pela fé no desenvolvimento humano. O debate entre o que incorrectamente (mas não sei dizê-lo correctamente) se pode chamar em português "evidencialismo" e o não evidencialismo torna-se mais claro quando se compreende o que a personagem de Tom Hanks declara, depois de passar por uma situação de total desespero: a aleatoriedade do mundo trouxe-lhe uma vela que lhe permitiu fugir da ilha. O evidencialismo é uma posição fechada à aleatoriedade do mundo, e estar atento a ela pode representar a diferença entre a sobrevivência ou a morte. A fé, e a crença numa providência, pode ser uma forma cultural de responder a esta necessidade de estar atento às aleatoriedades do mundo.

Cinefilosofia: Sabemos que é defensor da clareza de exposição e da solidez na argumentação. Pensa que é possível conjugar estas exigências da ciência e da filosofia com a liberdade artística?

Desidério Murcho: Claro que sim. O que se passa é que, precisamente porque Portugal não é um produtor forte nem de artes nem de ciências, a visão popular que se tem de ambas é caricatural. A ideia caricatural é esta: a ciência consiste em fazer cálculos automáticos, destituídos de criatividade; a arte consiste na completa aleatoriedade, não exigindo qualquer preparação e domínio técnico. Isto é um disparate. Qualquer pintor ou músico sério sabe que são necessários anos de trabalho técnico para se alcançar bons resultados; e qualquer cientista sabe que sem criatividade e imaginação não conseguirá ser inovador. O problema é confundir-se o fazer ciência com a mera compreensão e repetição do conhecimento empacotado que se transmite à paulada nas universidades portuguesas, e que foi originalmente produzido no estrangeiro. A separação radical entre artes, ciências e filosofia é artificiosa e resulta de desconhecimento.

Cinefilosofia: O que pensa do cinema feito em Portugal? Pensa que tem qualidade? Ou pensa – seguindo a opinião do cidadão comum - que os filmes que se vão produzindo por cá são apenas um pretexto para sacar fundos ao Ministério da Cultura?

Desidério Murcho: Não conheço o cinema nacional. Mas qualquer sistema de subsídios culturais tem de estar indexado ao sucesso de público pela simples razão de que não pode haver sucesso cultural sem sucesso comercial. Na Inglaterra há um sistema de subsídios parciais ao cinema inglês, pois é a única maneira de competir com a indústria norte-americana.

Cinefilosofia: Já agora, diga-nos sinteticamente o que pensa da filosofia feita na língua de Camões, em Portugal e fora de Portugal.

Desidério Murcho: Portugal não é e nunca foi um produtor de ciência, filosofia ou artes com projecção internacional. A filosofia feita em Portugal é risível. Aprovam-se teses de doutoramento que são fraudes académicas, que confundem misticismo barato e jogos de palavras de cariz astrológico com a discussão rigorosa dos problemas, teorias e argumentos da filosofia. A comunidade académica nacional é provinciana e vaidosa, tanto mais vaidosa quanto mais ignorados são no resto do mundo académico. Não haveria mal nenhum em ser modesto -- afinal, a filosofia que se faz na Dinamarca ou na Holanda também não é grande coisa -- se se produzisse bons materiais para o ensino, que dessem aos estudantes portugueses as mesmas condições que têm os seus colegas estrangeiros. Mas a vaidade impede que se escreva coisas modestas e úteis; escreve-se para o umbigo, faz-se pseudo-investigação para o currículo e lixa-se o sistema. Do que conheço da realidade brasileira, há centros de excelência que superam os centros portugueses, apesar de haver tão má filosofia no Brasil como em Portugal.

Cinefilosofia: Como acha que devem ser abordados e respondidos os problemas filosóficos, independentemente do veículo de exposição usado (Filosofia, Ciência, Arte etc)?

Desidério Murcho: Com rigor e imaginação. O importante é fugir do falso dilema, fruto de ignorância, que vê as coisas nestes termos: ou somos rigorosos, lógicos, frios e analíticos, ou imaginativos, exuberantes e livres. Isto é um disparate. Sem rigor, a imaginação é cega; sem imaginação, o rigor é autofágico. O melhor antídoto à falta de rigor e de imaginação é a pergunta decisiva: «Por que razão é mais plausível afirmar isso do que o contrário disso?» Se a resposta a esta pergunta não é clara, é porque nos deixámos embalar mais pela enganadora música das palavras de sereia, do que pelo que elas verdadeiramente dizem.

Cinefilosofia: Que conselho daria, primeiro, aos que querem ser artistas, e, segundo, aos que querem ser filósofos e cientistas em Portugal?

Desidério Murcho: Portugal é um país ímpar, que oferece imensas oportunidades aos mais modestos artistas, filósofos ou cientistas. Como está tudo tão atrasado, a mais

pequena contribuição honesta e de valor que possamos dar é de imensa mais-valia. De modo que é muito estimulante trabalhar em Portugal, porque o pouco que possamos fazer, se não andarmos a fazer coisas para o umbigo, pode ter um amplo efeito positivo em muitas vidas.

Cinefilosofia: Temos conhecimento que tem no prelo um novo livro de filosofia. Pode levantar um pouco a ponta do véu e dizer-nos algo sobre o seu conteúdo? Ouvimos dizer que inclui um artigo sobre a Matrix e o cepticismo epistémico, é verdade?

Desidério Murcho: É verdade. Trata-se de uma versão de um artigo previamente publicado na revista *Intelectu*, onde considero com algum pormenor a possibilidade céptica radical que o filme Matrix parece retratar (como é óbvio, o filme não retrata afinal tal coisa, e esse é um dos pontos de interesse do meu artigo). O livro tem também artigos sobre o sentido da vida, a importância da crítica em filosofia, a natureza da ciência e do tempo e o estatuto ético dos animais, entre outros. É um livro modesto, que tem por único objectivo dar a conhecer ao grande público alguns aspectos da filosofia -- um pouco como os livros de divulgação científica. A filosofia é uma área muitíssimo estimulante e é uma pena que não se publiquem tantos dos excelentes livros estrangeiros que divulgam a filosofia de forma modesta mas rigorosa, estimulante mas séria.

Cinefilosofia: Para finalizar, diga-nos por favor o que pensa do nosso projecto de conjugar a análise filosófica com cinema.

Desidério Murcho: Acho excelente. É importante que o grande público compreenda que não há maneira de fugir da filosofia porque é uma disciplina que se ocupa de problemas reais que afectam qualquer ser que se ponha a pensar. E é importante também que se vá divulgando a filosofia de múltiplas maneiras. Chamar a atenção para os aspectos filosóficos que muitas vezes estão presentes no cinema, mas passam despercebidos, é uma excelente ideia.

Cinefilosofia: Desidério, agradecemos-lhe a disponibilidade para falar connosco, e desejamos-lhe a melhor das sortes para a realização dos objectivos que se propôs alcançar. Estamos seguros que a sua actividade dentro e fora de Portugal em muito contribui para a evolução e dignificação da filosofia portuguesa.

Entrevista conduzida por Luís E. Rodrigues